

## A CRÍTICA DE MARTIN HEIDEGGER À METAPSICOLOGIA FREUDIANA, EM ESPECIAL AO CONCEITO DE PULSÃO

Arinadja Lopes Lima Correia 1; Caroline Vasconcelos Ribeiro 2

**1:** Bolsista PIBIC/CNPq, Graduada em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [Lopes.nadja8@gmail.com](mailto:Lopes.nadja8@gmail.com)

**2:** Orientadora: Dr<sup>a</sup> Caroline Vasconcelos Ribeiro, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger, Freud, Pulsão.

### INTRODUÇÃO

Através dessa comunicação, pretendemos compartilhar os resultados obtidos a partir da execução do plano de pesquisa intitulado “Investigação acerca dos fundamentos ontológicos e epistemológicos de conceitos da metapsicologia freudiana, com ênfase no conceito de pulsão”, com o qual fui bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, na Universidade Estadual de Feira de Santana. Este plano de pesquisa vinculou-se ao projeto de pesquisa: **Investigações acerca da crítica de Martin Heidegger à psicanálise freudiana, em especial ao conceito de pulsão (*Trieb*)**, sob a coordenação da professora Dr<sup>a</sup> Caroline Vasconcelos Ribeiro. Almejamos, com essa comunicação, especificar os fundamentos filosóficos que sustentam a crítica de Martin Heidegger em relação ao conceito freudiano de Pulsão. Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger (2009) faz três críticas incisivas à psicanálise freudiana. Primeiro, argumenta que a ciência freudiana filia-se à metafísica moderna, segundo enquadra este campo de saber no rol das ciências naturais, e, por fim, afirma que o conceito de pulsão funciona como a chave de leitura dos fenômenos humanos ancorada no mecanicismo, ou seja, está a serviço de explicações deterministas acerca do funcionamento do ser humano. Freud, em sua coletânea de “Artigos sobre Metapsicologia”, mais especificamente, no texto intitulado *A Pulsão e seus destinos* (1996a), entende a Pulsão como uma força constante que se origina dentro do organismo do indivíduo. No artigo em comento, o pai da psicanálise distingue na pulsão a pressão, a origem, a finalidade e o objeto. Ao explicar o funcionamento desta força pulsional no interior do aparelho psíquico, recorre, ao longo de sua obra, a analogias com máquinas hidráulicas. Para Heidegger, este modo de explicar as urgências humanas, inspirado na física, trata o homem qual um objeto natural. Com essa comunicação, esperamos indicar que Heidegger, tendo como referência o entendimento do homem enquanto *Dasein*, considera que o conceito de pulsão objetifica e naturaliza o existir humano e, com isso, não alcança seus modos genuínos de ser-no-mundo. Visto que a caracterização da psicanálise como uma ciência da natureza não é comum entre os comentadores de Freud, pretendemos enriquecer esse debate contrapondo a abordagem heideggeriana com a de Ricoeur (1977), para quem o conceito de pulsão arranca a psicanálise do naturalismo e a aproxima da hermenêutica.

### MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

O plano de trabalho ao qual se refere este resumo expandido está vinculado a uma pesquisa cuja natureza metodológica é bibliográfica. Sendo assim, sua tarefa central consistiu numa

consulta sistemática e cuidadosa às fontes escritas de autores e comentadores relacionados ao tema. Inicialmente, o trabalho centrou-se num rigoroso estudo da obra *Seminários de Zollikon* de Heidegger e dos *Artigos Metapsicológicos* de Freud, depois nos concentramos na análise de comentadores e epistemólogos da psicanálise, tais como Monzani (1989), Assoun (1983) e Ricoeur (1977).

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

O modo heideggeriano de abordar a psicanálise não incide diretamente sobre a sua prática clínica, mas questiona o conceito de homem, saúde e doença psíquica oriundos desta teoria. Nos *Seminários de Zollikon*, Heidegger (2009) indica a filiação da psicanálise à metafísica moderna e ao modo de proceder das ciências naturais e, com isso, problematiza a concepção de homem ancorada nesses fundamentos. O filósofo incide sua crítica, em especial, a conceitos oriundos da metapsicologia freudiana, a saber, os conceitos de pulsão, aparelho psíquico, repressão, dentre outros. Tais críticas foram conduzidas a partir dos resultados instituídos por sua obra principal, *Ser e Tempo* (2005), a qual estabeleceu um modo inaugural de entender o homem, em contraste com as determinações tradicionalmente delegadas a este ente, quais sejam: *ego cogito*, consciência, sujeito, animal racional. Todas estas definições tradicionais, de diferentes maneiras, pressupõem a existência de um sujeito, que sai de sua “esfera interna” para lidar com os entes, enquanto objetos, via representação. Heidegger, por sua vez, entendeu que homem e mundo não são entes estanques, por isso, referiu-se ao homem como um ser-no-mundo e o nomeou de *Dasein*, cujo modo de ser fundante não é a representação de objetos, mas a ocupação pré-temática com os entes intramundanos. A metafísica moderna nivelou todos os entes que não são o homem à condição de objeto e o homem, por sua vez, foi considerado o sujeito, o senhor do conhecimento, cuja meta consiste na apropriação representacional do que dele se diferencia, os objetos. A crítica heideggeriana à Freud é tão contundente que não se reduz a indicar que o pai da psicanálise transita neste território agenciado pela metafísica moderna, ao invés, aponta que o tratamento dispensado por Freud ao homem, quer dizer, a sua interpretação do existir humano enquanto um aparelho que funciona como uma máquina movida por forças antagônicas (pulsão de vida e pulsão de morte) é responsável por tratá-lo como um objeto, com um ente que pode ser apreendido a partir de procedimentos da ciência natural, como um ente que não tem o modo de ser do homem, do *Dasein*. Para Heidegger, Freud se serve das conquistas da metafísica pós-Descartes, tanto quanto do modo de procedimento oriundo das ciências naturais do séc.XIX. A compreensão do existir humano foi indicada por Heidegger em contraponto a concepção freudiana de homem como um aparelho psíquico movido por forças pulsionais. Para o filósofo (2009), uma ciência natural representa, objetifica e calcula os entes, estabelecendo leis causais. Nesta perspectiva, a física seria a ciência natural por excelência. É justamente com a física que Freud tenta comparar e articular sua ciência. Não é difícil localizar passagens, ao longo da obra do pai da psicanálise, em que ele compara sua ciência com a física e demonstra sua intenção em enquadrá-la no ramo das ciências da natureza. Por exemplo, no texto *O esboço da psicanálise* o autor declara que a sua ciência está interessada em processos que “são, em si próprios, tão incognoscíveis quanto aqueles que tratam as outras ciências, a Química ou a Física, por exemplo; mas é possível estabelecer as leis a que obedecem (...)”.(FREUD, 1996b, p.172). Heidegger localiza na obra freudiana um todo coeso que foi escrito nos moldes da cartilha das ciências naturais do séc. XIX. Para o filósofo, a teoria de Freud tem uma face só: a que paga tributo às ciências naturais e à metafísica moderna. A interpretação filosófica da obra de Freud, sob a perspectiva da concepção de homem como *Dasein*, localiza em seu arcabouço um elenco de constructos que se distanciam do campo do sentido e reduz o homem a uma máquina

submetida ao jogo de forças contrárias. Este modo de interpretar a psicanálise denuncia que o arsenal positivista é usado para a explicação da psique humana e que o conceito de pulsão tem sua inspiração na linguagem fisicalista. Ricoeur (1977), em contrapartida, afirma que, com o conceito de pulsão, Freud se livrou do fisicalismo ao estabelecer que numa pulsão podemos destacar tanto seu componente quantitativo, o afeto, quanto seu componente puramente psíquico, a representação. Esta mescla presente no conceito de pulsão seria, para Ricoeur, suficiente para declarar o fim do energetismo e do fisicalismo na psicanálise e transformá-la numa hermenêutica. Pretendemos indicar que a investigação realizada sobre as teses de Heidegger, nos facultou concluir que o discurso energético, das cargas e descargas do *quantum de afeto* não é algo accidental na teoria freudiana a ponto de ser suplantado pela linguagem do sentido. Ou seja: pretendemos indicar a inconsistência da caracterização da psicanálise como uma hermenêutica e reafirmar seu perfil científico-natural.

## REFERÊNCIAS

- ASSUON, Paul Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FREUD, S. A pulsão e seus destinos. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*.: Imago, 1996a. Vol.XIV
- \_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise in: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Vol. XXIII.
- HEIDEGGER, Martin. *Seminários de Zollikon*.São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MONZANI, Roberto Luiz. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp, 1989.
- RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977